



Salsicharias, tabernas e restaurantes

Estabelecimentos de restauração nos contextos alemão e português. Algumas

notas^{*}

Maria António Hörster

Universidade de Coimbra

Cornelia Plag

Universidade de Coimbra

O que vamos apresentar são reflexões partilhadas, que não têm a pretensão de fornecer soluções milagrosas de tradução, mas apenas apresentar alguns percursos para se chegar à construção de resultados.

O que pensará o leitor português que se entrega, despreocupado, à leitura da versão portuguesa de um romance de Heinrich Böll e se depara com o seguinte trecho logo às primeiras linhas?

Continuava a chover quando descí, sem pagar, na praça Tuckhoff. Corri depressa para debaixo do todo de uma **salsicharia**. Dirigi-me ao balcão, mandei vir uma salsicha frita e uma chávena de caldo, pedi ainda dez cigarros e troquei a nota de dez marcos. Enquanto comia a salsicha, olhei para o espelho que ocupava toda a parte de trás da loja.¹ (Böll/ D'Assumpção, 8; s.n.)

Imaginará que, na Alemanha, os talhos e, porventura, as charcutarias dispõem habitualmente de uma secção de restauração em que é possível degustar uma

* O presente estudo insere-se no Projecto de Investigação “Linguística. Literatura. Tradução. Abordagens Interdisciplinares” do Centro de Investigação em Estudos Germanísticos (CIEG), Unidade de I&D financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do Programa Operacional Ciência e Inovação 2010 (POCI 2010), do III Quadro Comunitário de Apoio.

¹ Trata-se da primeira versão portuguesa de um romance do escritor, publicada com o título de *E não disse nem mais uma palavra*, sob a chancela da Editorial Aster, sem indicação de data, mas com a máxima probabilidade de ter sido editada em 1959 (vd. Bibliografia). O original alemão será identificado por “Böll” e a tradução, por “Böll/ D'Assumpção”, indicando-se seguidamente o número de página das edições consultadas. A edição alemã de que se cita será a da Kölner Ausgabe (2007).

salsicha, possivelmente de fabrico próprio?² Talvez estranhe que a um estabelecimento desses se chame “loja” e, com maior força de razão, que também se venda aí sopa e, até mesmo, tabaco. Ou será que não se esquece de que está a ler uma tradução e investe uma dose de tolerância muitíssimo superior à que dispensa a um romance escrito no original, fazendo, no presente caso, um raciocínio mais ou menos do género: aquele espaço onde a personagem come a salsicha ao balcão não é, com quase total certeza, uma “salsicharia”, mas alguma coisa que, de uma maneira ou outra, tem a ver com salsichas?

Devemos, como leitores de traduções, dispor-nos a prosseguir com esta atitude complacente ou tentar contribuir para uma cultura da tradução menos permissiva e com um maior grau de exigência? É no pressuposto de uma resposta afirmativa a esta segunda alternativa que nos propomos sondar um território que, consabidamente, causa a tradutores do Português para Alemão, e vice-versa,³ as maiores dificuldades: o da designação de estabelecimentos em que se podem consumir comidas e bebidas.

O modelo teórico que, na nossa perspectiva, oferece respostas mais interessantes para o problema que acabámos de colocar é o da semântica das “scenes-and-frames”, proposta por Charles J. Fillmore em 1977, como alternativa às “checklist theories of meaning” e, entretanto, aplicado à tradução por vários autores, entre os quais Mia Vannerem e Mary Snell-Hornby, Heidrun Witte e Hans Vermeer.⁴ Como fazem notar Vannerem e Snell-Hornby, Fillmore rejeita alguns conceitos e dogmas fundamentais da Linguística de então e, também contra a corrente da época, defende para a sua área uma orientação interdisciplinar. É assim que vai buscar à Psicologia o conceito de “protótipo”, proposto pela psicóloga Eleanor Rosch em 1973. Rosch e,

² Conduzimos um pequeno inquérito, informal, dando este trecho a ler a colegas e pessoas amigas para testar a “scene” por ele evocada. Grande parte das/os inquiridas/os identificou “salsicharia” com “fábrica de salsichas”. Uma das pessoas informou que um familiar seu, residente no Ribatejo, região em que há longa tradição do fabrico de salsichas, possui há muitos anos uma salsicharia com um pequeno estabelecimento contíguo, que funciona como uma espécie de restaurante. Por outro lado, em Trás-os-Montes, a primeira associação que se estabelece com “salsicharia” é a de uma loja de fumeiro. A título de curiosidade, podemos confirmar que temos encontrado à venda produtos fumados com a indicação de fabrico por determinadas salsicharias.

³ A dificuldade coloca-se, como não pode deixar de ser, também para outros pares de línguas/culturas.

⁴ Fillmore identifica como “frame” a codificação linguística, enquanto o termo “scene”, que não deve ser entendido no sentido meramente visual, designa: “(...) familiar kinds of interpersonal transactions, standard scenarios, familiar layouts, institutional structures, enactive experiences, body image; and in general, any kind of coherent segment, large or small, of human beliefs, actions, experiences, or imaginings.” (*apud* Vannerem e Snell-Hornby 1986, 185)

na sua sequência, Lakoff põem em causa a teoria tradicional da categorização, que consideram reducionista, e, em seu lugar, propõem uma “categorização natural”. Por meio de experiências, Rosch pôde comprovar que o ser humano categoriza segundo protótipos, isto é, não por adição de componentes, como na linguística tradicional, mas segundo categorias naturais, que apresentam um centro nítido, o foco, e franjas esbatidas. Exemplificando: o “pardal” constitui um protótipo da categoria “pássaro”, mas já o mesmo não sucede com “pinguim”. É muito conhecido o exemplo de “bachelor”, que, segundo a “check-list-theory”, apresentaria os seguintes traços constitutivos: homem, adulto, solteiro. Partindo deste exemplo, Lakoff e Fillmore argumentam, por seu lado, que o Papa é “homem”, “adulto” e “solteiro” e, no entanto, não ocupa o centro do protótipo de “bachelor”, já que, como argumentam, os protótipos são condicionados por factores socioculturais. (Vannerem e Snell-Hornby 1986, 188)

Ora o factor cultural passou a constituir, sobretudo a partir do “cultural turn” dos anos 80, um dos aspectos que maior interesse concita no âmbito dos Estudos de Tradução, sendo muitos os autores que debatem a sua importância e propõem modelos de aplicação prática. Entre estes, encontram-se o de Heidrun Witte e H. J. Vermeer, que complementam o esquema de Fillmore com a introdução das noções de “função” e de “channels” de redução e de ampliação. Mais recentemente, em 2007, Georgios Floros parte da definição de cultura de Mudersbach para apresentar um modelo complexo de identificação e tradução de elementos culturais (Floros 2007, 8-16).⁵

⁵ No sentido de encontrar um modelo operacional, Floros defende que a fundamentação teórica deve assentar num conceito de cultura suficientemente flexível, recorrendo para o efeito à definição de Mudersbach. Sem propor previamente uma definição global de “cultura”, Mudersbach parte da comunidade social e das diferentes áreas de vida (*Lebensbereiche*) em que os membros dessa comunidade interagem, por exemplo, festividades, campos económicos ou, mais próximo do nosso tema, hábitos alimentares (Floros 2007, 5). Distingue estas áreas culturais das que assentam num conhecimento objectivo e que são partilhadas por várias comunidades, como sejam a Medicina ou os dados biológicos. Mudersbach entende que um contexto específico evoca no indivíduo determinadas áreas de vida e dá o exemplo da palavra “bolo”, que dá origem a associações diferentes, conforme é associada a um aniversário ou a práticas de pastelaria. Nestas suas considerações, opera com o conceito de “sistemas culturais” – uma convenção acerca de uma área específica da vida que cumpra uma função específica, a qual abarca todo o *Hintergrundwissen* partilhado pela comunidade sobre essa área, independentemente de gostos ou preferências pessoais. Este modelo pretende explicitar, para um público em fase de aprendizagem, as fases a percorrer na detecção de aspectos culturais e os procedimentos a adoptar em actos de transferência intercultural. Subdivide-se em nove etapas distribuídas pelas três fases do processo de tradução: 1. primeira leitura e activação de áreas da vida / 2. listagem e estruturação dos sistemas culturais da CP / 3. concretização dos sistemas culturais no TP / 4. identificação e avaliação das constelações culturais / 5. estruturação de sistemas culturais da CC /

Se há domínios em que a incidência da dimensão cultural é determinante para a tradução, o da restauração é, sem dúvida, um deles. As designações de estabelecimentos de restauração referem realidades muito diferentes, que dependem estreitamente do estilo de vida dos povos e dos indivíduos, com os seus hábitos alimentares próprios, em estreita relação com as condições climáticas, o estatuto social de cada um, as ligações familiares, os locais e horários de trabalho, a configuração dos tempos de lazer, o modo de relacionamento com familiares e amigos, ou seja, com as suas formas específicas de socialização, as suas tradições e os seus rituais. Por serem tantos e tão distintos os factores que confluem na configuração física de cada modalidade de estabelecimento e na função ou funções que cada uma delas desempenha, a regra é aqui, ao que nos quer parecer, a da falta de correspondência da maior parte dos termos que, em Alemão e em Português, designam essas realidades. Esta é a razão por que qualquer dicionário bilingue está, à partida, condenado a falhar neste domínio, precisamente a mesma razão por que estaria à partida votada ao fracasso a tentativa de elaboração de uma terminologia nesta área.

Certamente que não é esta a única área em que o fenómeno da ausência de correspondência entre duas culturas se manifesta: ela verifica-se, por exemplo, também no domínio das espécies botânicas e zoológicas, das especificidades geomorfológicas, das instituições e dos subsistemas sociais, digam eles respeito à política, à administração, educação, saúde ou justiça, às relações de parentesco ou a jogos e diversões. São situações como estas que levam os teóricos da tradução a falar em “tradução como negociação” (Eco 2003, entre outros).⁶ E essa negociação passa, naturalmente, pela atenção a toda a situação em que o termo aparece no co-texto.

Regressando ao nosso exemplo, e recorrendo ao modelo das “scenes-and-frames”, que nos parece convidativamente simples e operacional, impõe-se apurar o protótipo do que é uma salsicharia. Para tal, procedemos à consulta dos dicionários

6. comparação dos sistemas culturais das CP e CC / 7. controlo de compatibilidade de constelações culturais / 8. decisões translatórias / 9. criação do TC. As etapas são repetidas as vezes necessárias para dar cobertura à totalidade dos sistemas culturais evocados pelo texto.

⁶ „Negotiation is a process by virtue of which, in order to get something, each party renounces something else, and at the end everybody feels satisfied since one cannot have everything.“ Depois de definir “negociação” nestes termos, Eco enuncia as partes intervenientes no processo, com os seus interesses específicos e eventualmente divergentes, bem como a posição do tradutor como negociador entre elas. (Eco 2003, 6)

portugueses em uso (vd. Bibliografia) e, como atrás se disse (nota 2), realizámos pequenos inquéritos, informais, entre pessoas da nossa convivência:

José Pedro Machado 1981	Salsicharia , <i>s. f.</i> Estabelecimento, comércio, indústria ou arte de salsicheiro; o ramo das indústrias cárnicas que engloba as operações realizadas com a carne de porco pura ou misturada com a carne de outras reses, vísceras, gorduras, sangue e outros produtos de origem animal ou vegetal para a fabricação de enchidos, salgados, afiambrados, etc.
Cândido de Figueiredo 1996	salsicharia , <i>s.f.</i> Estabelecimento ou arte de salsicheiro.
Dicionário Ilustrado da Língua Portuguesa 2001	salsicharia <i>s.f.</i> estabelecimento onde se fazem ou vendem salsichas, enchidos e carnes fumadas
Houaiss 2003	salsicharia <i>s.f.</i> (1881 cf. CA ¹) 1 técnica utilizada na produção de salsichas (CUL) 2 fábrica ou loja de salsichas (...)
Porto Editora 2010	salsicharia <i>n.f.</i> estabelecimento onde se fazem ou vendem salsichas e produtos congé(ê)neres

Como se vê, regista-se uma visível uniformidade nas definições: a salsicharia é um estabelecimento onde se fazem ou vendem salsichas.



fig. 1



fig. 2

Vejamos agora o original alemão:

Es regnete noch heftiger, als ich am Tuckhoffplatz absprang, ohne bezahlt zu haben. Ich lief schnell unter das Zeltdach einer **Würstchenbude**, drückte mich zur Theke durch, bestellte eine Bratwurst

und eine Tasse Bouillon, ließ mir zehn Zigaretten geben und wechselte den Zehnmarkschein. Während ich in die Wurst biß, blickte ich in den Spiegel, der die ganze Hinterfront der Bude einnahm. (Böll, 334; s. n.)

Com os nossos sublinhados, destacámos os numerosos elementos constitutivos da “scene” de uma “Wurstchenbude”, que a identificam inequivocamente como estabelecimento de restauração e não de fabricação ou de venda, fornecendo ainda dados suficientes para a sua caracterização específica, os quais permitem reconhecê-la como o protótipo de uma “Wurstchenbude”.⁷ É evidente que temos de tomar em conta a diacronia, mas veja-se um exemplo de uma “Wurstchenbude” actual:



fig. 3

Os traços distintivos fundamentais pouco se alteraram por comparação com uma “Wurstchenbude” nos anos 50-60:

⁷ Esta solução de tradução repete-se noutros passos: „Ich sah noch einmal die Gesichter aller Leute, bei denen ich am Nachmittag gewesen war, angefangen von dem Mädchen in der Sparkasse, das mir das Stück Klebepapier gegeben hatte, die rosige Frau in der Wurstchenbude (...).“ (Böll, 343). “Revi outra vez as caras de todas as pessoas com quem estivera depois do almoço, a começar pela cara da empregada da Caixa, que me dera o pedaço de fita gomada, a mulher corada da salsicharia (...).” (Böll/ D’Assumpção, 21)



fig. 4

Em todos os dicionários bilingues, desde as primeiras edições da Langenscheidt até à sua actual “Nova edição totalmente revista, ampliada e actualizada”, de 2001, exclusive, não figura a entrada “Würstchenbude”. Esta edição de Hoepner *et al.* apresenta uma proposta curiosa de tradução, “tenda de salsichas”, que nos parece constituir uma tentativa de transposição do composto alemão, pela reunião dos equivalentes dicionarizados de cada um dos seus elementos, daí resultando um conceito algo estranho em português.⁸

Pelo que ficou exposto, parece claro que a tradução de “Würstchenbude” por “salsicharia” é manifestamente errada. Mas temos de admitir que se torna mais fácil registar a inadequação do termo do que propor uma alternativa verdadeiramente satisfatória. No caso presente, e jogando com os factos históricos representados no conjunto do romance, nomeadamente o ambiente de ruínas da cidade de Colónia no pós-guerra e a referência que aí se faz a numerosas “Buden” onde decorrem actividades comerciais de toda a espécie, julgamos que uma tradução como “barraca de salsichas”, por analogia com “barraca de farturas”, seria aceitável, observando-se, no entanto, que o termo “barraca” acentua o carácter de provisório. Diga-se, em abono dos tradutores, que esta solução aparece registada uma vez na versão portuguesa.⁹ Hoje em dia, e salvaguardando naturalmente a especificidade de cada caso, pareceria aceitável a tradução por uma designação que tem vindo a tornar-se comum no português, “rulote de salsichas”, figurando já o termo “rulote” no dicionário da Academia das Ciências de Lisboa (2001).

⁸ Sobre a tradução de compostos alemães para português, vd. Hörster e Athayde 2006.

⁹ “Voltei para a estação, troquei o dinheiro em miúdos numa barraca de salsichas (...)”. (Böll/D’Assumpção, 56)

Passamos agora ao segundo tipo de estabelecimentos de restauração enunciados no nosso título. Vejam-se alguns exemplos da versão portuguesa:

Sentámo-nos na **taberna** que fica junto da paragem do nove; pedi *cognac* para os dois, meti uma moeda na caixa do jogo, deixei entrar as esferas de aço para o canal e lancei-as uma a uma (...) A taberneira tinha os braços cruzados (...) (Böll/ D'Assumpção, 85; s.n.)

Mais uma vez, o leitor recebe estímulos vários que não lhe permitem construir uma “scene” coerente e consonante com o seu repertório sociocultural, já que o seu protótipo de “taberna” dificilmente se articulará com a ideia de *cognac*, por exemplo. Como definem os dicionários portugueses uma “taberna”?

José Pedro Machado 1981	Taberna , <i>s.f.</i> (do lat. <i>taberna</i>). Loja ou lugar onde se vende vinho a retalho; bodega, tasca. Casa de pasto ordinária, reles. <i>Fig.</i> Casa imunda, desordenada Taverna , <i>s.f.</i> (do lat. <i>taberna</i> , it. <i>taverna</i>). O m. q. <i>taberna</i> .
Academia	taberna, taverna . <i>s.f.</i> (Do lat. <i>taberna</i> ‘barraca’). 1. Estabelecimento onde se vende vinho a retalho. ≈ BAIUCA, CHAFARICA, TASCA, VENDA. 2. Pequeno estabelecimento comercial onde se servem petiscos e refeições a baixo preço. ≈ BAIUCA, CHAFARICA, TASCA, VENDA. « <i>sonhava com Coimbra e uma taberna miserável de trolhas, com mais galinhas que clientes, arroz de pescada, febras, açorda, o paraíso dela, um paraíso de pobres</i> » (A. LOBO ANTUNES, <i>Exortação aos Crocodilos</i> , p. 12). 3. <i>Deprec.</i> Casa muito suja. ≈ BAIUCA.
Houaiss 2003	taberna <i>s.f.</i> (1858 cf. MS ⁶) 1 <i>freq .P</i> estabelecimento de venda, esp. de vinho, jeropiga e bagaceira, para consumo local, além de petiscos (queijo, chouriços, etc.), mas que não serve pratos de comida – cf. <i>tasca</i> 2 restaurante barato; casa de pasto 3 <i>p. ext. pej.</i> casa muito suja e desordenada (...) - taverna <i>s.f.</i> (sXIII cf. FichIVPM) f. não pref. de TABERNA
Porto Editora 2010	taberna , <i>n.f.</i> 1 loja onde se vende vinho a retalho; baiuca 2 casa de comidas e bebidas servidas a baixo preço; tasca taverna , <i>n.f.</i> → taberna

Também aqui se nota alguma uniformidade, sendo nuclear a ideia de venda de vinho a retalho. O dicionário da Academia refere o sentido de “pequeno estabelecimento comercial onde se servem petiscos e refeições a baixo preço”, mas a abonação

escolhida confirma os resultados apurados nos inquéritos que conduzimos e que apontavam como “scene” de taberna um espaço pouco acolhedor, normalmente em zonas rurais, frequentado quase exclusivamente por homens (excepto a mulher e/ou filhas do dono), muitas vezes com balcão, pipas, mesas para jogos de cartas populares, como a bisca ou a sueca, chão de tábuas corridas ou acimentado, copos de vidro grosso e homens com bonés.¹⁰ Observe-se no entanto que modernamente a designação de taberna tem vindo a conhecer um novo uso que, resgatando o valor positivo do tradicional, o alia a alguma sofisticação.

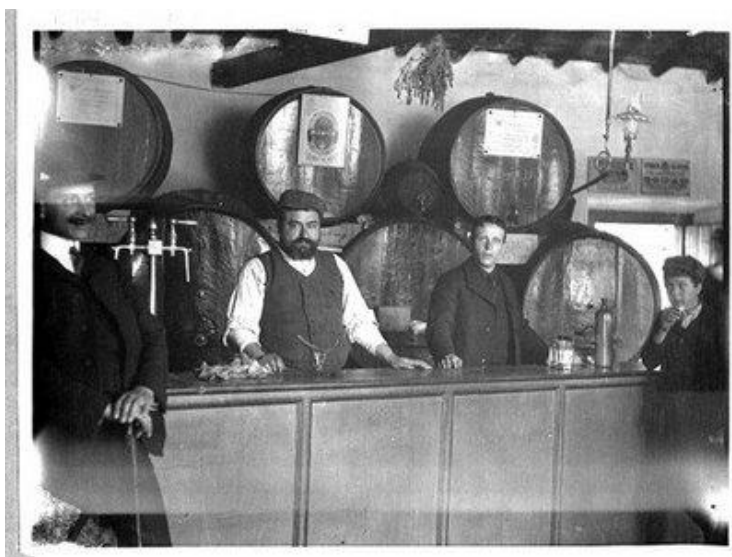


fig. 5

A versão portuguesa do romance regista várias outras ocorrências de “taberna”:

Entre numa **taberna** daquela rua para beber uma aguardente e entretive-me a olhar um homem que alimentava o gira-discos automático com moedas, para ouvir sempre a mesma música em voga. Assoprei o fumo do meu cigarro por cima do balcão, olhei para a cara muito compenetrada da taberneira, paguei e continuei o meu caminho. (Böll/D’Assumpção, 20; s.n.)

Voltei para a **taberna**, mas os dois rapazes continuavam ainda junto das caixas de jogo. (...) Além destes só estava o homem do chapéu à caçador, que bebia cerveja e lia o jornal. Bebi uma aguardente, olhei para a cara

¹⁰ Numa crónica do crítico gastronómico David Lopes Ramos sobre o restaurante “Fialho”, de Évora, encontra-se uma sugestiva seriação implícita de vários tipos de estabelecimentos de restauração pelo que respeita ao respectivo estatuto. Nesta série também figura a “taberna”: “O Fialho é um dos raríssimos restaurantes-instituição existentes em Portugal. (...) o famoso restaurante foi sucessivamente taberna, casa de comes e beberes, casa de pasto e cervejaria. (...) O fundador do Fialho gostava de cozinhar e tinha um lema para a sua casa, que até então se limitara a vender copos de vinho aos operários das fábricas vizinhas. (...) regressou à adega, mas com novos planos: transformá-la numa casa de pasto. Remodelou-a, dotando-a de uma sala de refeições e três gabinetes particulares e contratou uma cozinheira famosa em Évora (...)” (Ramos 2010)

sem poros da hospedeira, que estava sentada num banco e folheava uma revista. (Böll/ D'Assumpção, 111-112; s.n.)

Bebia em **tabernas** sujas, arranjava à noite companheiros desconhecidos que tinha a certeza de nunca mais tornar a ver. (Böll/ D'Assumpção, 113; s.n.)

Como é fácil de supor, por detrás destas traduções está o termo alemão “Kneipe”.

Vejamos agora os passos correspondentes no alemão:

Wir setzten uns in die **Kneipe**, die an der Endstation der Neun liegt; ich bestellte Cognac für uns beide, warf einen Groschen in den Automaten, ließ die Nickelkugeln in den hölzernen Kanal schnellen und schoß sie einzeln hoch; (...) Die Wirtin hatte die Arme verschränkt (...). (Böll, 389; s. n.)

Ich trank in einer **Kneipe** am Wege einen Schnaps und sah einem Mann zu, der an einem Schallplattenautomaten stand und immer wieder Groschen einwarf, um Schlager zu hören. Ich blies den Rauch meiner Zigarette über die Theke, sah in das ernste Gesicht der Wirtin, die mir wie eine Verdammte erschien, zahlte und ging weiter. (Böll, 342; s-n.)

Dann ging ich noch einmal in die **Kneipe** hinunter, aber die beiden jungen Burschen standen immer noch an den Automaten (...) Ich trank einen Schnaps, blickte in das porenlose Gesicht der Wirtin, die auf einem Hocker saß und in einer Illustrierten blätterte. (Böll, 408; s. n.)

Ich trank in schäbigen **Kneipen**, verbrüderte mich nachts mit Unbekannten, von denen ich wusste, daß ich sie nie wiedersehen würde. (Böll, 409; s. n.)

Tentemos agora aproximar-nos do protótipo de “Kneipe”. Os informantes de nacionalidade alemã que consultámos referiram como “scenes” que associam à “frame” de “Kneipe”: local onde se consomem bebidas, sobretudo alcoólicas, e, nalguns casos, se podem fazer pequenas refeições; espaço de dimensões reduzidas; localização frequente numa esquina; ambiente acolhedor, sem TV, iluminação fraca, fumo; frequência predominantemente nocturna, clientela habitual; possibilidade de se beber de pé ou sentado. Também aqui a diacronia influenciou nas “scenes” convocadas, nomeadamente quanto ao nível social dos frequentadores: informantes mais velhos associam “Kneipe” a gente humilde, operários, enquanto os mais novos referem um público socialmente menos marcado.



fig. 6



fig. 7

Regressando ao texto, não restam dúvidas de que a personagem que, na versão portuguesa do romance, procura frequentemente as “tabernas”, e observa as respectivas “taberneiras”, sofre uma acentuada desclassificação social e degradação humana em relação à personagem que, no original alemão, se detém nas “Kneipen”, aparecendo aos olhos do leitor a uma luz bem diferente. A tradução parece-nos, por isso, desajustada. Mas como traduzir adequadamente “Kneipe”?

A este propósito dá um pouco que pensar o dicionário de Michaelis, o mais antigo de entre os que consultámos, que se distingue pelo facto de, como primeira acepção de “Kneipe”, apresentar “restaurante”.¹¹ Algumas das pessoas falantes nativas de

¹¹ Uma consulta mais alargada deste dicionário, que até ao aparecimento das primeiras versões do Langenscheidt funcionou como o dicionário bilingue Alemão-Português para múltiplas gerações, e em grande parte influencia todos os bilingues subsequentes, revela uma tendência para a oferta de, na

alemão por nós inquiridas reagiram muito mal à tradução por “restaurante”, possivelmente em função das conotações de algum requinte e sofisticação que, em alemão, se associam a “Restaurant”. Mas não deixa de ser curioso que o dicionário de Wahrig registre, como primeira entrada para “Kneipe”, a de “dürftiges Gasthaus”. O dicionário de J. P. Machado apresenta, como termo já lexicalizado, “restauranteco”, que se nos afigura demasiado depreciativo. Num texto do século XIX, “botequim” poderia revelar-se uma hipótese providencial, mas o termo caiu em desuso. Igualmente de uso raro são “baiuca” e “chafarica”, inaceitáveis além disso porque ainda acentuam o carácter imundo e reles de uma taberna. Que dizer de “casa de pasto” ou de “casa de comes e bebes”? Um e outro termos sugerem um estabelecimento de carácter familiar, colocando-se a tónica mais na comida do que na bebida. Podemos lamentar não existir uma designação como “casa de bebes e comes”... Se não aceitarmos “casa de comes e bebes”, pelas razões apontadas, que opções restam? Uma tradução explicativa, do género “restaurante modesto”? E que pensar de “café”? Considerando horários de frequência e a função social de local de encontro e de convívio, bem como a natureza dos produtos consumidos, talvez, hoje em dia, “café” ou “bar” surgissem pelo menos como possíveis soluções... Porém, como sempre, cumpre ao tradutor construir a “scene” mais conveniente, conjugando o seu conhecimento do contexto de partida com uma interpretação holística dos decisivos dados co-textuais.

E, com todas estas reticências, passamos ao último tipo de estabelecimento enunciado, o restaurante. Vejam-se as seguintes ocorrências:

As barracas tinham sido construídas entre as ruínas, agachavam-se entre fachadas escurecidas pelo fogo e meio destruídas – mas as barracas eram também tabacarias e lojas de fazendas, e quando por fim cheguei a um **pequeno restaurante**, este estava fechado. Abanei a porta, voltei-me e vi, enfim, luz. (Böll/ D’Assumpção, 34; s. n.)

(...) até ver que a barraca que começara a abrir era um **pequeno restaurante**. (Böll/ D’Assumpção, 37; s. n.)

Die Buden waren in die Trümmer hineingebaut, hockten unten zwischen ausgebrannten und eingestürzten Fassaden – aber auch die Buden waren Zigarren- und Textilgeschäfte, Zeitungsstände, und als ich endlich an eine

ausência de lexemas correspondentes ao protótipo original, soluções substitutivas. Como exemplo, refira-se: “Wurst – murcella, morcella, linguça, salsicha, salchicha, paio, salpicão”. Não existindo em português um hiperónimo correspondente a “Wurst”, é-nos proposta uma variedade grande de hipónimos.

Imbißstube kam, war sie geschlossen. Ich rappelte an der Klinke, wandte mich um und sah endlich Licht. (Böll, 352; s. n.)

(...) bis ich sah, daß die Bude, die sie zu öffnen begonnen hatte, eine **Imbißstube** war. (Böll, 354; s. n.)

Em ambos os casos, “pequeno restaurante” surge como tradução de recurso de “Imbißstube”, termo que designa uma realidade sem correspondência directa no contexto português e, muito menos, na década de 50.



fig. 8

Vejam-se as indicações de alguns dicionários para “restaurante”:

José Pedro Machado 1981	Restaurante ² , <i>s. m.</i> Estabelecimento onde se preparam e vendem comidas; casa de pasto. Restauranteco, <i>adj.</i> [sic] <i>Depr.</i> Restaurante modesto; restaurante pobre <i>ou</i> para gente pobre.
Houaiss 2003	restaurante <i>s. m.</i> (1845-1890 cf. CCBAss) 1 estabelecimento que se dedica ao negócio de servir refeições; salão ou aposento onde são servidas as refeições 2 lugar em que se tomam refeições em comum; refeitório (...)
Porto Editora 2010	restaurante ² <i>n.m.</i> casa onde se preparam e servem refeições ao público

Por sua vez, para “Imbissstube” deparam-se-nos os seguintes verbetes:

Wahrig 1975	Imbißstube <f.> <i>kleines Frühstückslokal, Erfrischungsraum, kleines Selbstbedienungslokal</i>
Langenscheidt 2001	‘Imbiss (...); ~bude <i>f</i> botequim <i>m</i> , roulote <i>m</i> ; ~stube <i>f</i> pronto-a-comer <i>m</i> CONFIRMADO

Enquanto a “scene” de “restaurante” comporta a noção de um espaço relativamente amplo, de decoração mais ou menos sofisticada, onde se servem refeições completas, em horários socialmente convencionados e com serviço à mesa, em mesas aparelhadas e dispostas com louça, copos e talheres, ao “frame” “Imbissstube” associam-se, de uma forma geral, refeições rápidas, tomadas em pé ou, menos frequentemente, à mesa, serviço ao balcão e pré-pagamento, em horários dilatados.¹² Perante a diferença das realidades “restaurante” e “Imbissstube”, as conclusões são similares às extraídas para o caso de “Würstchenbude”. Atendendo a factores diacrónicos, a designação de “pequeno restaurante” parece-nos, neste contexto, aceitável.

Em jeito de conclusão, poderíamos dizer que o domínio da restauração, pelo seu forte enraizamento cultural, se mostra particularmente sensível no momento de traduzir (o que igualmente vale para numerosas das suas sub-áreas, como sejam, horários e tipos de refeições, seus participantes, espaços, ambientes e decoração, ementas, e respectivo valor simbólico).

Torna-se necessário um uso muito criterioso do dicionário, não se devendo aceitar as suas várias propostas irreflectidamente. A tendência, recorrentemente observada em contexto de aprendizagem, para seguir a primeira entrada do dicionário aconselha, em nosso entender, a utilização do dicionário em sala de aula e o ensino do seu correcto manuseio pelo/a docente. No momento actual, é imprescindível recorrer a todos os meios disponíveis em rede, como sejam bases de dados, glossários, textos paralelos e, em casos semelhantes aos por nós analisados, pesquisa de imagens.

Por muito valiosos que todos estes instrumentos sejam, eles não dispensam nunca o tradutor de uma leitura rigorosa do original e de uma constante atenção ao co-texto, de forma a integrar numa “scene” coerente os vários estímulos que eles lhe fornecem. A competência cultural do tradutor é, aqui, determinante e levá-lo-á a tomar em devida conta os factores diastráticos, diatópicos e diacrónicos, tanto na fase analítica da decodificação inicial como na fase posterior, sintética, da produção de texto.

¹² Com o fenómeno da imigração, este tipo de estabelecimentos tem-se diversificado em termos de oferta, sendo actualmente tão provável depararmos com uma “Dönerbude” (designação corrente para “Kebab”), como com uma tradicional “Würstchenbude”, agora muitas vezes sob a denominação de “Grillstube” ou, ainda, com um “Asia-Imbiss”, etc. Observe-se que as mais recentes edições do Wahrig deixaram cair o verbete “Imbissstube”.

A incorrespondência das culturas leva por vezes o tradutor a recorrer a soluções parafrásticas, que em muitos casos se mostram perfeitamente admissíveis. Há, no entanto, que saber resistir ao impulso de querer fornecer toda a informação contida no vocábulo original. Esse impulso não só muitas vezes se revela infrutífero como sucede que, sobretudo no caso da tradução literária, uma sobrecarga informativa acaba por constituir um entrave à fruição estética. O saber cultural e literário do tradutor ajudá-lo-ão, também aqui, a encontrar “den notwendigen Grad der Differenzierung”, tal como é definido por Hönig e Kußmaul. (Hönig e Kußmaul, 58-63)

Para além da paráfrase, o tradutor pode recorrer a procedimentos substitutivos, apresentando termos designativos de realidades que, na cultura de acolhimento, ocupam um lugar de posição mais ou menos correspondente. Foi o que se verificou na maior parte dos excertos apresentados, em que, por exemplo, “Kneipe” é traduzido por “taberna”. Como vimos, este tipo de procedimentos revelou-se aqui pleno de riscos, com consequências gravosas para a construção da personagem do protagonista, mas em muitas situações ele conduz a soluções plenamente satisfatórias.

Outra estratégia à disposição de quem traduz é a do empréstimo. Muitas vezes rejeitado por puristas e evitado por tradutores, o empréstimo constitui uma solução que nos parece estar a conhecer uma aceitação crescente no nosso mundo globalizado. Sobretudo em áreas novas, ainda sem ancoragem social, e também por questões de *marketing*, este procedimento está a tornar-se mais frequente. A inserção de vocábulos ou expressões estrangeiras no texto de chegada por um lado denuncia claramente a sua qualidade de texto traduzido, por outro sinaliza a distância a que se encontra o mundo evocado e, sobretudo em textos ficcionais, turísticos ou publicitários, pode contribuir para lhe conferir um carácter exótico e, em muitos casos, apelativo.

Os desafios colocados pela inexistência de homologias culturais podem ainda, e pelo menos em teoria, instigar à criação de neologismos, mas não encontramos soluções deste tipo na obra analisada.

Referências bibliográficas

- Böll, Heinrich. 2007. *Und sagte kein einziges Wort*. In Heinrich Böll Werke. Kölner Ausgabe. Bd. 6. Hg. von Árpád Bernáth in Zusammenarbeit mit Annamária Gyurácz. Köln: Kiepenheuer & Witsch. 237-498.
- Böll, Heinrich. S. d (1959?). *E não disse nem mais uma palavra*. Trad. Maria Teresa e João Carlos Beckert d'Assumpção. Lisboa: Editorial Aster.
- Aulete, Caldas. Ed. 1987. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. 5.^a ed. brasileira. Rio de Janeiro: Editora Delta.
- Beau, Albin Eduard. 1953. *Dicionário de Bolso das Línguas Portuguesa e Alemã. Tomo Segundo. Alemão-Português*. Ed. refundida. Berlin/Schöneberg: Langenscheidt KG.
- Dicionário de Alemão-Português*. 2000. Porto: Porto Editora. [=DAP]
- Dicionário Ilustrado da Língua Portuguesa*. 2001. Porto: Porto Editora. [=DILP]
- Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*. 2001. 2 vols. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa e Editorial Verbo.
- Dicionário da Língua Portuguesa 2010*. 2009. Edição revista e atualizada. Porto: Porto Editora.
- Eco, Umberto. 2003. *Mouse or Rat? Translation as Negotiation*. London: Phoenix.
- Eco, Umberto. 2005. *Dizer quase a mesma coisa sobre a tradução*. Trad. José Colaço Barreiros. Algés: Difel.
- Fernandes, Sérgio e António Pedro Santos. 2009. Taberneiras de barba rija. *Pública*, 28 de Novembro, 68-74.
- Floros, Georgios. 2007. Cultural Constellations and Translation. In *MuTra 2007 – LSP Translation Scenarios: Conference Proceedings*, http://www.euroconferences.info/proceedings/2007_Proceedings/2007_Floros_Georgios.pdf <último acesso a 2010-05-28>.
- Hoepner, Lutz, Ana Maria Cortes Kollert e Antje Weber. 2001. *Taschenwörterbuch Portugiesisch*. Berlin u. a.: Langenscheidt.
- Hönig, Hans G. e Paul Kußmaul. 1984. *Strategie der Übersetzung. Ein Lehr- und Arbeitsbuch*. 2., durchgesehene Auflage. Tübingen: Gunter Narr.
- Hörster, Maria António e Maria Francisca Athayde. 2006. Compostos Alemães: Aspectos da sua Tradução para Português. In ALEG (Asociación Latinoamericana de Estudios Germanísticos). Hrsg. 2006. *Deutsch in Lateinamerika. Ausbildung – Forschung – Berufsbezug*. Akten des XII. ALEG-Kongresses (auf CD-Rom) (Actas do XII Congresso da ALEG, em CD-Rom). Havana, 13.-17. März 2006. Havana e Leipzig.
- Houaiss, Antônio e Mauro de Salles Villar. Coord. 2003. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. 3 vols. Lisboa: Temas e Debates.
- Machado, José Pedro. Coord. 1981. *Grande dicionário da língua portuguesa*. Lisboa: Amigos do Livro Editores.
- Michaelis, H. (1923), *Novo dicionário da língua portuguesa e alemã em duas partes. Parte segunda: Alemão-Português*, Leipzig, F. A Brockhaus.
- Ramos, David Lopes. 2010. Fialho, sem vocação para outra cozinha que não seja a tradicional. *Pública*, 10 de Janeiro, 50.
- Vannerem, Mia e Mary Snell-Hornby. 1986. Die Szene hinter dem Text: 'scenes-and-frames semantics' in der Übersetzung. In Snell-Hornby, Mary. Hrsg. *Übersetzungswissenschaft – Eine Neuorientierung*. Tübingen: Francke Verlag. pp.184-205.
- Wahrig, Gerhard. 1986. *Deutsches Wörterbuch*. München: Mosaik Verlag GmbH.

Wahrig, Gerhard. 1975. *Deutsches Wörterbuch*. Gütersloh u.a.: Verlagsgruppe Bertelsmann GmbH.

Imagens <último acesso a 2010-05-28>

<http://www.epochtimes.de/articles/2009/02/27/412991.html>

<http://www.waldbrenner.de/db8us/hemm1.htm>

<http://www.bratwurstprofi.de/geschichte.html>

http://anacamarra.blogspot.com/2008_09_01_archive.html

<http://www.friedrichshainer-chronik.de/spip.php?article266>

<http://moistraubing.de/images/stories/Straubing/kueche/pivo/kneipe.gif>

http://farm2.static.flickr.com/1026/1214739114_63553fc5f2.jpg?v=0.